

DIZERES DE UMA QUARENTENA: DEPRESSA AS FACHADAS GRITAM

Lucília Maria ABRAHÃO E SOUSA¹
Dantielli Assumpção GARCIA²

Resumo

Neste texto, da perspectiva teórica da Análise de Discurso, propomo-nos a analisar como dizeres inscritos por meio de projeções em prédios no espaço citadino, durante os painelaços contra o presidente Jair Bolsonaro e contra seu modo de enfrentamento da pandemia de COVID-19, produziram resistência e enfrentamento diante de uma política estatal genocida de (não)contenção do Coronavírus. Objetivamos analisar como os sujeitos citadinos produziram dizeres e painelaços de resistência e protesto a clamar pelo “Fora Bolsonaro”, pelo fim dessa política genocida legitimada pelo atual Estado brasileiro que tem na figura de Jair Bolsonaro seu “messias da morte”.

Palavras-chave: COVID-19; Coronavírus; Jair Bolsonaro; Painelaços; Análise de Discurso.

A quarantine's saying: quickly the facades scream

Abstract

Based on the theoretical and methodological assumptions of French Discourse Analysis, in this text, we analyze how the inscribed sayings through projections in buildings in the city space, during nightly *panelaço* (pan-banging) protests against President Jair Bolsonaro and his lax handling of the COVID-19 pandemic, produced resistance and confrontation in the face of a genocidal state policy of (non)containment of Coronavirus. We aim to examine how the city subjects produced sayings and pan-banging of resistance and protest to urge “Fora Bolsonaro” [Bolsonaro OUT!] and the end of such a genocidal policy legitimized by the current Brazilian state, which sees Jair Bolsonaro as the “Messiah of death”.

Keywords: COVID-19; Coronavirus; Jair Bolsonaro; Pan-banging; Discourse Analysis.

¹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP), luciliasousa@gmail.com.

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), dantielligarcia@gmail.com.

Um início com pandemia e resistência

“Devagar... as janelas olham”
(Carlos Drummond de Andrade)

O ano de 2020 começou atípico para a maior parte do planeta com o surgimento de um novo vírus que, até o momento atingiu mais de 2 milhões de pessoas e matou mais de 200 mil pelo mundo³. A COVID-19 impôs no Brasil, como em outros países, um período de quarentena, que consistiu no isolamento social da população para a contenção da propagação da doença. Esse isolamento determinou que as formas de interação face a face passassem a ser mediadas por outra ordem de convivência social, qual seja, a tecnologia: pelas telas de computadores, tablets e celulares, pelo contato remoto a partir de um dispositivo de comunicação.

Tal situação aponta para os efeitos do inominável da morte marcados pela inexistência de cura, pelo alto grau de contágio, por uma aparente rendição da ciência diante do vírus, pela imposição de um abandono a mais para o doente, que agora morre sozinho e pela impossibilidade de elaboração do luto para quem fica, uma vez que não é autorizado realizar velório nem enterro. Com o horror desse vírus desconhecido e mortífero à solta, passamos a ver/ter aniversários, festas, eventos culturais, reuniões de trabalho e de família acontecendo a partir do encontro em plataformas digitais. E pelo digital também será edificado o movimento de resistência que constitui nosso corpus e de que se ocupa nosso gesto de análise.

Fato é que, em meio a essa pandemia, o modo como o presidente Jair Bolsonaro tem tratado a questão – como uma “gripezinha” ou “resfriadinho” que precisa ser enfrentado “como homem” – tem gerado indignação e revolta. O desrespeito à regra do isolamento social é visto em cenas nas quais ele conversa, toca e abraça os eleitores para tirar fotografias e selfies, sem uso de máscara, desconsiderando a negativa de vários órgãos sanitários em relação à aglomeração de pessoas. Não foram poucas vezes em que ele contrariou o então Ministro da Saúde em depoimentos e ações explícitas de desafio às normativas estabelecidas, portanto, em desacordo ao trabalho oficial empreendido, questionando também a Organização Mundial da Saúde sem pudor. Diante disso, inúmeras manifestações no espaço privado dos lares e nos espaços públicos da cidade começaram a surgir em protestos contra o presidente no formato de painéis (recurso

³ O artigo foi submetido no sistema da revista *Linguagem* em 09/05/2020.

que também emergiu em outros contextos históricos brasileiros e latino-americanos), e também em forma de uma escrita urbana com dizeres projetados, colados em prédios de grandes cidades brasileiras. Diante da impossibilidade do encontro de pessoas em passeatas, marchas e atos públicos na rua, a tecnologia (DIAS, 2012) passa a ser mobilizada, atravessando o discurso inscrito na cidade e produzindo efeitos de protesto de outro modo. Um exemplo são as telas que se acendem e apagam a cada noite estampadas em diferentes lugares e diversas fachadas de prédios. Essas telas inscrevem discursivamente uma errância de palavras à mostra na cidade e deslocadas, na forma de fotografias e vídeos, para a rede digital; dito de outro modo, guarda-se aqui o ineditismo de um modo de protestar outro, qual seja, que conta com a tecnologia para projetar telas de palavras na cidade e, depois, vê-las se desdobrando em tantos modos de circulação em diferentes dispositivos tecnológicos.

Para tanto, sustentadas teoricamente na Análise de Discurso, dividimos nosso texto em quatro momentos; inicialmente, traçaremos uma discussão acerca da memória discursiva, analisando-a em sua articulação com os sentidos em circulação sobre a pandemia do Coronavírus e contra o presidente Jair Bolsonaro. No segundo momento, refletiremos sobre o espaço citadino como um lugar de circulação dos sujeitos, dos sentidos e de diferentes formas de resistência, como os painéis. Na continuidade, discorreremos sobre em que consistem os painéis, retomando seu funcionamento em diferentes países da América Latina e inserindo, agora em tempos de isolamento social, outra forma de manifestação: as projeções urbanas. Por fim, analisaremos um conjunto de imagens projetadas no espaço urbano e que circularam no espaço digital no momento dos painéis contra os pronunciamentos do presidente do Brasil sobre a pandemia de COVID-19.

Objetivamos, neste trabalho, analisar como os sentidos de painel deslizaram nesse período de pandemia ao terem como elemento sustentador as projeções em prédios de dizeres de resistência contra Bolsonaro. Assim, pretendemos responder aos seguintes questionamentos: Como "bater painel" significa hoje a partir de uma memória ligada ao impeachment da Dilma? E como renegocia os efeitos de outros movimentos de "bater painel" em relação à fome, por exemplo? E, sobretudo, de que modo essa ação funciona discursivamente de janela para janela, de sacada para sacada, com o isolamento que silencia os atos na rua, mas não silencia os sujeitos ardentes que ocupam

o espaço da urbe? Finalmente: seria possível tomar as fachadas como lugares em que gritam sentidos de indignação desses sujeitos ardentes para além dos horizontes?

Um presidente, uma doença: rastros de memória

Pretendemos, nesta parte inicial de nosso texto, discutir sobre a noção de memória discursiva conforme Pêcheux (1999) formulou, explicitando como seu funcionamento sustenta os painéis que ocorrem no Brasil em 2020 contra o governo de Bolsonaro, os dizeres sobre a crise sanitária de COVID-19 no país e os posicionamentos do presidente para o enfrentamento dessa pandemia.

A memória discursiva fundamenta e move os dizeres, ou seja, “‘algo fala’ (*ça parle*) sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1997, p. 149), condição que sustenta o que se enuncia em determinada conjuntura. São os painéis ocorridos na América Latina durante a segunda metade do século XX, como mostraremos na terceira parte deste texto, que tornam possível o painel contra Bolsonaro no contexto da pandemia de Coronavírus. Há, na posição de presidente, a formulação de dizeres que questionarão a gravidade da doença, colocando-a como uma gripe banal e comum, como algo que afeta gravemente somente os sujeitos que já possuem alguma comorbidade.



Figura 1: Designações de Jair Bolsonaro para a Covid-19⁴.

⁴ Nosso material de análise foi coletado em diversas redes sociais (Facebook e Instagram) e mostram como o uso da tecnologia amplia a voz e o dizer da/na cidade. Não há a indicação de quem assina essas
revista *Linguagem*, São Carlos, v.35, Número Temático COVID-19. setembro/2020, p. 1-30. ISSN: 1983-6988

As designações acima foram ditas por Bolsonaro na posição de chefe do Estado brasileiro durante os meses em que casos da doença explodiram (março/abril 2020); funcionam discursivamente de modo a produzir um efeito de irrealidade e mentira acerca do vírus, marcando na língua a redução da gravidade das mortes, a infantilização de sua dramaticidade e a falta de empatia com os doentes e as famílias dos mortos. O uso do diminutivo discursiviza esse processo, destituindo o tema da esfera de crise sanitária ou de colapso do sistema de saúde nacional para algo que é pequeno e não passa de um “*medinho*” ou uma “*gripezinha*”. Diante da diminuição da gravidade da doença, esse sujeito filia-se a dizeres que desautorizam a validade da ciência, de representantes das organizações médicas e universitárias e das recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), funcionamento que tem se constituído na ordem do repetível em sua trajetória como político há décadas. A formulação “E daí?”, diante de um questionamento sobre o crescimento do número de mortos, marca uma posição de descompromisso, desimplicação e desresponsabilização diante do que está em curso, se inscrevendo num distanciamento dos sentidos de solidariedade e empatia, que são esperados de um estadista que vê o povo de seu país em sofrimento. No caso do Brasil, isso não comparece e o sujeito ocupa a posição de recusa desse cuidado, inferindo “não sou coveiro”.

Diante dessas formulações, explodem os painéis nas cidades de todo o país e os dizeres inscritos na urbe surgem para fazer resistência à circulação desses dizeres do presidente sobre a pandemia, que horrorizam o mundo e deixam em suspensão os sentidos de respeito e preservação da vida. Tal grito de indignação também se endereça ao modo de governar do atual presidente da República, cujo rastro de genocídio aponta para um poder do capital em detrimento da vida. Como ressalta Robin (2016, p. 13),

Voltam-se fragmentos de textos desprendidos do esquecimento, excertos de filmes abandonados às lixeiras da história ou aos depósitos dos sonhos. Voltam-se imagens de cor sépia, cenas tristes de chorar, marcadas pela estranheza da relação entre o passado e o presente, tão distantes e tão próximas ao mesmo tempo. Essa memória infiel, mas persistente, está fixada.

frases. Elas circulam durante os pronunciamentos de Bolsonaro e nos painéis contra ele. Depois, passam a ter como espaço de circulação as variadas redes sociais.

No enfrentamento da pandemia de COVID-19 pelo governo bolsonarista, fragmentos dessa "ordem sépia" comparecem e a relação entre passado e presente faz uma báscula do repetível e sua atualizao. Restos de dizeres da ditadura brasileira e do holocausto voltam  cena política, sustentando que são o trabalho liberta, fazendo atualizar tais efeitos para a máxima de que a economia não pode parar. Em um jogo parafrstico, nas formulaes de Bolsonaro na posio de presidente, são o trabalho  capaz de salvar a economia brasileira e os brasileiros do Coronavírus, mesmo que isso implique sair do isolamento social e produzir mortes em massa.

São, afinal, excertos de uma Idade Média - em que a religião norteava e ditava a vida social e cultural e que qualquer movimento da ciência levava homens e mulheres  fogueira - quevm  tona, deslocados e deslizados para a cena política nacional. Exemplo disso foi o pedido de jejuar pelo bem do Brasil e contra a COVID-19. As palavras jejuar e jejum entrando em circulao, na trama do discurso oficial, como medidas para conter uma pandemia mundial e um vírus altamente contagioso. Bolsonaro coloca-se discursivamente na posio sujeito de contradizer e negar o saber científico, propondo um modo religioso para lidar com uma doença sobre a qual pouco se sabe.

Dessa maneira, o presidente brasileiro e seus seguidores retomam os efeitos de uma memória discursiva da Idade das Trevas em que a religião era colocada como a única capaz de salvar os homens dos perigos da Terra. Há, desse modo, uma deslegitimao dos sentidos de ciência e a religião vem a ocupar um importante lugar nos posicionamentos oficiais, apagando a laicidade do Estado e, sobretudo, a evidência da ciência. Todavia, conforme Pêcheux (1999, p. 56), a memória

não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo contido seria um sentido homogneo, acumulado ao modo de um reservatório:  necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunes, de deslocamentos, de retomadas, de conflitos de regularizao (...) Um espaço de desdobramentos, réplicas, polmicas e contradiscursos.

Acrescentaríamos, que a memória  também um espaço de falhas e resistências e  nesse espaço polmico que outras formulaes sobre a pandemia de COVID-19 e a crise econmica, política, social pela qual passa o Brasil começarão a circular no espaço da cidade por meio de projees nos prédios de dizeres contra Bolsonaro, os quais também pedem seu impeachment. Diante do traço compacto, indiferente e autoritário

dos pronunciamentos oficiais, há uma reação de resistência dos cidadãos e o embate dos diferentes setores da sociedade civil, especialmente das organizações médicas e científicas, ganha corpo. A partir do conflito entre o que diz o presidente, o que sustenta a ciência, a Organização Mundial da Saúde e os movimentos sociais, desdobramentos sobre a crise sanitária mundial articulam-se, no Brasil, a uma crise política, a qual os painéis amplificam com gritos em janelas e sacadas, uma vez que a rua não pode ser ocupada.

Entre uma batida de panela e outra, contradiz-se a imagem de Bolsonaro como "mito", "herói" ou "salvador do país", associando-o a um sujeito insano e genocida, que não cuida da população nem da saúde do país, que propõe o fim do isolamento social e a morte para que a economia não pare. Além do barulho das panelas, há outra forma de resistência que aqui iremos escutar: as tatuagens urbanas, feitas por projeções de imagens e dizeres nos prédios das cidades brasileiras.

Tais inscrições vêm perturbar a rede de “implícitos” que sustentam ser o capital mais importante que a vida, que destituem Bolsonaro do lugar de presidente e que fazem furar, isto é, apontam para uma falha, um lapso, um equívoco, os seus depoimentos. Em alguns casos, mobilizando até mesmo o texto bíblico, como na Figura 2 a seguir, retornando a memória da “besta” como figura demoníaca que se cerca de subterfúgios para seduzir os homens e que, na passagem do Evangelho de Mateus, está associada a um homem que se coloca na posição de messias. A trama significativa aqui enoda *besta*, *homem* e *messias*, atualizando a profecia do texto sagrado para o cenário político nacional em uma equação em que se pode ler, polissemicamente, *demônio*, *presidente* e *Jair Messias Bolsonaro*.



Figura 2: Projeção "Como Messias".

Inferimos, portanto, que na cidade a resistência se instaura. Depressa as fachadas exibem e projetam, em letras imensas, efeitos dissonantes diante do que se coloca nos depoimentos oficiais. É o possível de ser empreendido nesse momento diante da necessidade de isolamento social e contenção do vírus e, do ponto de vista discursivo, isto é, da construção dos sentidos sociais e políticos da resistência na cidade, não nos parece ser uma empreitada pouco significativa.

Cidade, sujeitos e quarentena: sentidos em circulação

Tendo a cidade como objeto de olhar em época de pandemia e isolamento, buscamos compreender como os processos de significação e as relações de sentido são postos em funcionamento ao se articularem com o corpo dos sujeitos no espaço urbano que, neste começo de 2020, está sem seu *habeas corpus*, ou seja, com um cerceamento de seu ir e vir pelas ruas da cidade. Inclusive há a recomendação pela Organização Mundial de Saúde que aglomerações no espaço da urbe sejam evitadas, o que leva a afirmar que não é recomendado usar o espaço da cidade como lugar de manifestações políticas, sociais e humanitárias. Como Orlandi (2004, p. 61), buscamos observar a cidade,

procurando compreender as alterações que se dão na natureza e na ordem social; compreender o espaço urbano em seu aspecto simbólico-político, pensando a cidade como um espaço de linguagem em que se cruzam relações de poder. A cidade é um espaço em que se significa, onde há sujeitos vivendo dentro. É um espaço de sujeitos e de sentidos.

Embora esteja sendo recomendado aos sujeitos o isolamento social, diferentes formas de estar na cidade, durante esse período, têm surgido. Alterações na ocupação do espaço urbano têm imposto um outro ritmo (mais lento, desacelerando os transeuntes, os transportes públicos e a mobilidade) à cidade: ruas menos cheias, bares, restaurantes, parques fechados, atividades culturais e esportivas em suspensão. Estar na cidade, no período da COVID-19, é estar dentro de casa e conectado às redes sociais, às mídias televisivas, ou seja, é tentar elaborar outros modos de interação e manifestação pública, em que o espaço citadino comparece, mas que nele os sujeitos não estejam de corpo

presente para evitar aglomerações e, conseqüentemente, a possibilidade da propagação do Coronavírus.

Como espaço simbólico e político, a cidade historicamente se sustenta como lugar onde os sujeitos se manifestam e, para isso, seus prédios surgem como espaços a serem explorados para projeções de dizeres de indignação e revolta contra Bolsonaro. Nesses termos, o espaço urbano se significa de outro modo, não com os corpos falantes nas ruas empunhando bandeiras ou cartazes, mas de modo silencioso, com dizeres materializados nos prédios, monumentos e fachadas. Explodem as projeções digitais na pele das cidades brasileiras a indiciar ali a existência de sujeitos vivendo a cidade a se indignar, a temer, a adoecer e a ocupar posições diferentes e opostas àquelas proferidas pelo presidente. O político, como divisão do sentido, está posto e funciona como um espaço material concreto, como um sítio de significação, um espaço em que história, sujeitos e sentidos se entrecruzam, ou seja, um espaço discursivo em que painéis, imagens e formulações projetadas em prédios/telas surgem e produzem significações.

No isolamento de 2020 em virtude da pandemia, um modo específico de circulação dos sentidos se dá na cidade por meio dos prédios que se tornaram um grande arquivo (citadino), o qual chega aos sujeitos, cidadãos brasileiros, pela via do digital. Esse arquivo é um material simbólico produzido em condições históricas específicas, o qual registra não só a crise de saúde vivida pelo mundo, mas também a crise política/econômica/social pela qual passa o Brasil. São ainda condições históricas específicas se considerarmos que essas projeções não apresentam autoria declarada de um partido político, órgão oficial ou ONG, ou seja, elas aparecem anonimamente em volume cada vez maior, em diferentes bairros da cidade e, com a velocidade da era dos acessos, elas se deslocam para as redes sociais com uma circulação em cascata.

O espaço da cidade surge como um acontecimento significativo para a compreensão de uma história de pandemia e protestos na relação com os dizeres presidenciais. É a partir dela que o sujeito se situa no mundo, no seu país e no bairro em que vive, e localiza, durante os painéis contra Bolsonaro, uma interpretação para a gestão (genocida) do atual presidente do Brasil; é também a partir dela que o sujeito se relaciona com os sentidos sobre as fotografias e vídeos produzidos durante as projeções e, mesmo estando fora da cidade, pode acessar algo dessa ordem e replicar efeitos de um protesto quarenteneiro.

Nas cidades da América Latina, surgem os painelaços

Nesta seção, analisaremos brevemente os painelaços que ocorreram no Brasil no período do governo da ex-presidenta Dilma Rousseff e de que modo, hoje, esses painelaços se sustentam e deslizam efeitos de sentidos de protesto/resistência contra o presidente Jair Bolsonaro. Para tanto, explicitaremos como essa “materialidade do discurso político” (DAMAZIO, 2016, p. 15) retoma, por um funcionamento da memória, outros painelaços ocorridos na América Latina.

Concordamos com Damazio (2016) que afirma serem os painelaços uma prática corrente de manifestação, na qual o barulho produzido pelas painelas funciona como um mecanismo discursivo de resistência em momentos de crise econômica, acrescentaríamos, crise política, social, sanitária e humanitária. No Brasil, um dos primeiros painelaços ocorreu em um pronunciamento de Dilma Rousseff no dia 08 de março de 2015, isto é, no Dia Internacional da Mulher. No ano de 2020, esses painelaços são retomados em virtude das atitudes do presidente Bolsonaro não somente em relação aos seus depoimentos sobre a pandemia de COVID-19, mas também em relação aos desmandos a respeito do modo de governar o país, semelhante a governos autoritários.

Como efeito de origem dos painelaços, aponta Damazio (2016), têm-se as manifestações ocorridas no Chile durante a década de 1970 contra o governo de Salvador Allende, o qual buscava instaurar uma política socialista no país, com o apoio do presidente cubano Fidel Castro. Conhecido como movimento da *Marcha das Painelas Vazias* e liderado pela fazendeira Carmen Saenz Terpelle (apoiadora de políticos liberais chilenos), o painelaço chileno tem início com a participação de mulheres do *Grupo Poder Feminino* (mulheres de classe alta que eram contrárias às políticas econômicas, sociais, de divisões de terras de Allende), mas se estende a outros grupos sociais (corporações profissionais de advogados, médicos, engenheiros, a Sociedade Nacional da Agricultura, a Sociedade de Fomento Fabril, a Câmara do Comércio, os sindicatos de caminhoneiros e taxistas). Esse movimento representava a insatisfação com o governo de Allende que deixou grande parte da população sem comida no prato e a forma encontrada foi ir às ruas chilenas com painelas vazias e fazer barulho como um modo de oposição, resistência, protesto e manifestação política.

Já, na Argentina, um dos primeiros painelaços foi na década de 1990 contra a política econômica e social adotada pelo presidente Menem. Também foi alvo desses

panelaços, em 08 de novembro de 2012, a atual vice-presidenta da Argentina Cristina Kirchner. Nesse dia, os argentinos foram às ruas com panelas, pratos e garrafas, vestindo camisetas brancas e com bandeiras azuis e protestaram, exigindo maior liberdade de imprensa, controle da inflação, melhoria na qualidade de vida dos argentinos e contra a corrupção. De acordo com Damazio (2016, p. 65):

O sujeito manifestante, quando batia suas panelas nas ruas de Buenos Aires, apresentava-se atravessado pelas marcas ideológicas ocorridas no Chile (“A luta por mudança”, “a esperança do novo”, “não vou desistir do meu país”), mas não deixava de significar os novos sentidos que foram construídos devido às condições de produção em que a Argentina se encontrava naquela época, uma vez que o governo era questionado pelo controle demasiado dos meios de comunicação e pelo envolvimento em casos de corrupção. Ou seja, os sons das panelas permaneceram, bem como a ida de determinadas classes sociais às ruas para protestar, contudo, sentidos como “Liberdade”, “Imprensa Livre”, “Chega de inflação”, “Basta de Corrupção”, foram movimentados e a manifestação ganhou outros sentidos, como a luta contra a corrupção, o anseio pela liberdade de imprensa e o anseio dos argentinos por melhorias econômicas.

Como é possível observar, tanto nos panelaços da Argentina, assim como nos do Chile e nos do Brasil, não são somente os fatores econômicos, sociais, culturais que os sustentam, mas também as relações de poder em que se tensionam quem está ocupando os Aparelhos de Estado (ALTHUSSER, 1985) e quem sofre com suas ações (sejam ideológicas ou repressoras). No Brasil, foi durante o jogo político entre governo e oposição, entre denúncias de corrupção pela operação *Lava Jato* e uma crise econômica, que o primeiro panelaço contra Dilma Rousseff ocorreu. Organizado por grupos de oposição do governo, como “Revoltados Online”, “Vem pra Rua”, “Movimento Brasil Livre”, o panelaço do dia 08 de março de 2015 tentou silenciar pelos barulhos de panelas das varandas e sacadas de prédios de luxo, das ruas e avenidas das principais capitais do país, o pronunciamento da presidenta em homenagem ao Dia Internacional da Mulher.

Outras diversas manifestações de bater panelas se espalharam pelas cidades e lares brasileiros em protestos contra Dilma e contra o Partido dos Trabalhadores, até o processo de golpe no ano de 2016, o qual retira violentamente a presidenta legitimamente eleita do poder. Conforme Damazio (2016, p. 72),

O que permanece de outros painéis quase sempre é seu modo contestador, sua militância política, seja para derrubar um partido do poder ou para exigir os devidos direitos dos cidadãos. Para isso, o termo “comunista” é retomado e utilizado para gerar argumentação contra o governo e sua base aliada. Por outro lado, o que mudou no Brasil, ou seja, os deslocamentos discursivos, refere-se ao apagamento da imagem do Partido dos Trabalhadores como um partido confiável, pois muitos brasileiros não enxergam mais o partido como “honesto”, “sério”, “justo”, “transparente”, mas como “sujo”, “corrupto”, “vendido”. Sentidos que surgiram pela produção massiva da mídia e da oposição, mas que os defensores do Partido dos Trabalhadores insistem em rebater.

A partir desses sentidos produzidos pelos painéis, pela mídia, pelos movimentos como “Brasil Livre”, o presidente Jair Bolsonaro chega ao poder com pautas de extrema-direita e defendendo torturadores no seu depoimento de posse em 1º de Janeiro de 2019. Com formulações machistas, racistas, homofóbicas, genocidas e ditatoriais, ele enuncia de um lugar discursivo que gera críticas de diferentes setores intelectuais, artísticos, universitários e até militares. Diversas foram as vezes em que o vice e ministros deram declarações de modo a remendar algo pronunciado pelo presidente; por conta disso, ele começou a ser alvo de críticas.

Fato é que, a partir de janeiro de 2020, outros segmentos – até apoiadores discretos, ministros e líderes mundiais – colocaram-se contra o posicionamento as designações de Bolsonaro sobre a pandemia, já apresentadas anteriormente. Diante disso, o enunciado “Fora Bolsonaro” e os painéis contra o presidente começam a ganhar as cidades brasileiras. Juntamente com o barulho das painéis, surgem em prédios das urbes do país, imagens e formulações que buscam colocar em circulação dizeres de resistência, de refutação e chacota, de desautorização do presidente “genocida” brasileiro.

Os painéis brasileiros de 2020 apagam o sentido das reivindicações contra a fome, característico das painéis vazias que fizeram barulho pedindo também comida; não se situam em um lugar de denúncia da miséria ou da desigualdade social, fazem resistência sim, em época de pandemia, a dizeres eugenistas, genocidas do atual presidente do país. As painéis, que antes batiam por “Fora Dilma” e “Fora PT” no governo de Dilma Rousseff, hoje, fazem barulho por outro motivo, qual seja, a recusa dos dizeres presidenciais em relação à doença e à morte, instalando aí um espaço de indignação, repulsa e reviramento do modo como ele se situa em relação a ambas.

Inscreve-se, então, a filiação a outra rede de sentidos nos quais a vida e a saúde

são um direito, nenhuma vida está acima de outra, idosos não precisam morrer para que a economia brasileira não venha a parar. A trama de projeções desloca alguns sentidos estabilizados sobre ser Bolsonaro um bom gestor, um mito, um messias. Nos painelaços e nos dizeres que se espalham pelo espaço urbano durante os pronunciamentos do atual presidente sobre o modo como o governo tem lidado com a pandemia, Bolsonaro é colocado na posição de irresponsável, ignorante da ciência e descomprometido com a saúde e a vida.

Por fim, nos dizeres das projeções digitais, o presidente brasileiro é posicionado como alguém que insiste em sair pelas ruas quando a Organização Mundial de Saúde recomenda a todos o isolamento social. Antes falado como "mito", "messias" e "salvador do Brasil", agora Bolsonaro passa a ser nomeado como genocida e não presidente do país; e o enunciado "Fora Bolsonaro" começa a circular com mais força dentro dos lares brasileiros entre um painelaço e outro, e também fora dos lares nas fachadas urbanas.

Desse modo, os painelaços vindos das janelas e varandas em época de pandemia, tornam-se um movimento público, citadino e midiático, e as projeções urbanas marcam um acontecimento discursivo já que, no ineditismo de não poder ocupar as ruas, os sujeitos ocupam o que se ergue das calçadas. Com hora marcada, os painelaços e as projeções atrapalham o pronunciamento político do presidente transmitido pela mídia televisiva, inserindo os sujeitos em manifestações político-públicas sem saírem do isolamento social. O protesto urbano, vindo das painelas e dos dizeres contra Bolsonaro, significa um tensionamento político vivido no Brasil para além da atual crise de saúde pública que percorre e horroriza o mundo. Escancaram que, mesmo na solidão e no impedimento de os corpos circularem nas ruas, o desejo quente de resistir continua a incendiar os sujeitos, pois deles restam o som das painelas e a força das palavras. Isso nos remete imediatamente a Pêcheux (ano) que nos ensina que o sujeito, quando não pode resistir de um modo, o faz de outro. Sempre.

Em telas, tatuagens urbanas da gestão de uma pandemia

No Brasil, uma especificidade em relação ao isolamento reside no fato de que, no país, protestos contra a política de contenção da doença pelo presidente Jair Bolsonaro começaram a preencher o espaço da urbe, pedindo também pela saída do

presidente do poder. Com painéis e projeções de dizeres de resistência e reivindicação, a cidade é tatuada – depois as redes sociais, as quais possibilitam a circulação e o arquivamento do que se passa no urbano –, por essa manifestação política que torna possível comunicar-se de janela para janela, de sacada para sacada, de cidade para cidade em uma quarentena que não silenciou a resistência dos sujeitos e nem seus atos reivindicatórios.

Nas projeções, ao som dos painéis, temos formulações como “Fora Bolsonaro”, “Cala a boca Bolsonaro”, “Bolsonaro transmitiu o vírus”, “Bolsonaro acabou”, “Você não é presidente mais”, “Impeachment disso daí já”, “Bozo não investe em pesquisas”, “Correr de debate não te torna atleta”, “Bolsonaro cortou verbas da saúde”, que direcionam os dizeres à posição ocupada por esse sujeito que ora nega, rechaça e desacredita da pesquisa e da ciência; tais sentidos marcam com muita regularidade as falas do presidente em quando se refere à COVID-19.



Figura 3: Projeção "Fora Bolsonaro".

Com uma camisa de força e a faixa presidencial, nessa projeção, o presidente é tratado como louco e o pedido de “Fora Bolsonaro” (Figura 3) materializa-se na língua, retomando os fios discursivos de uma formulação já construída antes em outros lugares, tais como Fora Collor, Fora Dilma, Fora Temer. Aqui, a capacidade de governar do atual presidente da república é questionada, colocando-o como um sujeito incapaz, por ser louco e não ter noção da realidade. As arbitrariedades do governo bolsonarista não são vistas como uma forma de fazer política no governo autoritário, ultraconservador de Jair Bolsonaro, mas são metaforizadas como loucura de um presidente que precisaria ser

contido com/por uma camisa de força e, logo, com um processo de impeachment e de interdição por falta de condições de saúde mental.

Ao colocá-lo como louco, apaga-se a responsabilidade do presidente, quase a afirmar ser ele um sujeito inimputável que não sabe o que faz nem os porquês; por isso, somente por ser “louco” deve ser retirado do poder. Nessa projeção (Figura 3), um dizer sobre a insanidade mental está em curso e ele só pode aparecer nas condições sócio-históricas da pandemia. Até então, por mais absurdos e infundados que fossem os depoimentos presidenciais, tal efeito não circulou, irrompe agora diante das imagens e palavras sobre a doença e os mortos na China e Itália, por exemplo. Ou seja, não acreditar no que está em curso constitui, pelo efeito ideológico de evidência (PÊCHEUX, 1969), uma loucura. Observemos as projeções a seguir:



Figura 4: Projeção "Fora".



Figura 5: Projeção "Negativo?".



Figura 6: Projeção "Correr de debate".



Figura 7: Projeção "É só uma gripe".

Nas projeções acima, temos a imagem de Bolsonaro com máscaras de proteção contra o Coronavírus (Figuras 4 e 5). Na primeira, há a retomada de uma participação do presidente em um pronunciamento do Ministério da Saúde sobre como seria o plano de governo para o enfrentamento da pandemia de COVID-19. Nele, o presidente mostrou um não saber usar a máscara de proteção, ou seja, mais uma vez aqui o presidente é retratado como um sujeito sem saber, que não segue, por exemplo, as recomendações da Organização Mundial da Saúde para o bom uso de máscaras em período de pandemia. Colocando a mão no rosto, tirando a máscara para falar, Bolsonaro vai sustentando a imagem de um presidente que age do modo como lhe

aprouver, escondendo⁵, inclusive o resultado do exame para o Coronavírus, como podemos observar na imagem 3.

Tais projeções colocam em discurso o efeito de recusa, do sujeito na posição de presidente, em seguir as recomendações de nenhum órgão internacional, ou melhor, marca como discursivamente ele se coloca como dono de seu próprio posicionamento sobre a COVID-19, contrariando o saber científico que expõe a gravidade e o contágio da doença. Para o presidente, trata-se de uma “gripe” (Figura 7), o que já foi falado como “gripezinha”, “refriadozinho”, anteriormente, o que faz falar uma redução do perigo e da letalidade da doença. Não bastasse isso, o presidente aparece com os olhos cobertos pela máscara cirúrgica; tal imagem foi vista ao vivo, em cadeia nacional, durante a entrevista coletiva do Ministério da Saúde e demais autoridades, quando o presidente manipulou de modo muito atrapalhado o equipamento de proteção. Nessa imagem projetada, ele é representado como cego ou tapado, sem visão de Estadista, impedido de ver a situação e até mesmo incapaz de se proteger a si mesmo. O efeito de sentido de tal gesto desliza para uma gargalhada, materializada pela marca kkkkk, o que faz do presidente motivo de deboche. É a língua produzindo efeitos do risível como lugar da resistência pela chacota e pela zombaria: gripe, cegueira do presidente, inabilidade do homem e do político diante da maior crise de saúde pública que o país já viveu. A afirmação “é só uma gripe” funciona discursivamente a ter uma confirmação na imagem, como se ambas se alimentassem reciprocamente a dizer que se trata mesmo um cego e a exposição amplificada e pública da ignorância dele grita na fachada desse prédio.

Por seu “histórico de atleta” na carreira militar (Figura 6), por um efeito de ironia, outros sentidos sobre o presidente são retomados e deslocados. Não é a primeira vez que ele se coloca na posição de atleta vigoroso sempre fazendo referência a sua passagem pelo exército, instituição na qual não teve uma carreira brilhante com patentes de destaque, sofreu processo de expulsão e não passou de um curso de paraquedista. Mesmo assim, com regularidade, ele coloca-se na posição imaginária de atleta e desafia políticos e militares a fazerem flexão e exercícios físicos, além de colocar-se como forte e invencível nos termos de quem “sobreviveu a uma facada” e não será derrubado por uma gripezinha. Tal funcionamento é deslocado, produzindo efeitos de uma outra corrida, qual seja, a corrida eleitoral, durante a qual o candidato não compareceu a

⁵ Quando submetemos este artigo, o presidente ainda não havia revelado os resultados dos primeiros exames para a COVID-19 feitos por ele após seu retorno de uma viagem aos EUA.

debates com seus oponentes, tampouco aceitou conversar sobre os objetivos de sua campanha presidencial. Retomam-se as não participações nos debates de Jair Bolsonaro quando era candidato à presidência do país, o que o caracteriza talvez como atleta, porque sabe-se que não era esse seu perfil na carreira militar. Bolsonaro, nos seus diversos pronunciamentos oficiais sobre a pandemia, vai deslegitimando o saber da ciência, como fez em outros momentos, inclusive, para se eleger como presidente. A ciência cede espaço para o saber do senso comum e para as *fake news* que também circulam na tentativa de deslegitimar os dizeres da Organização Mundial da Saúde sobre a necessidade de isolamento social para a contenção da pandemia e para que seja possível criar formas de melhor cuidar de quem adoecer.



Figura 8: Projeção "Transmitiu vírus".

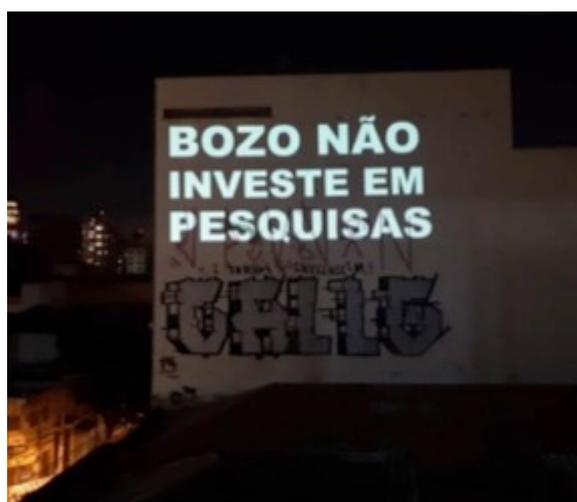


Figura 9: Projeção "Bozo não investe em pesquisas".

Nas tatuagens urbanas projetadas nos prédios, há a tentativa de mostrar as atitudes mortíferas do governo de Bolsonaro como, por exemplo, ter seu governante,

caso infectado pelo Coronavírus⁶, como um transmissor da doença quando anda pelas ruas de Brasília, sendo recomendado permanecer em isolamento social (Figura 8); ter cortes de investimento na pesquisa brasileira (Figura 9), quando o mundo todo tem reconhecido a importância das ciências para o enfrentamento de doenças como a COVID-19.

O analista do discurso rastreia as pegadas da história na língua (SOUSA; GARCIA; FARIA, 2014) , e seu trabalho é de recolher pistas e indícios da materialidade, escutando ali o que produz alguma diferença. Assim sendo, é preciso escutar que temos outro significante para se referir ao presidente, Bozo, o que produz pelo efeito do interdiscurso a retomada de sentidos cujos usos sociais já circularam em outros lugares. Trata-se de um personagem televisivo bastante conhecido em mais de 40 países do mundo; como palhaço, ele foi criado pela indústria cultural norteamericana, em 1946, com o propósito de lançar discos com gravações de canções e histórias infantis. No Brasil, o nome Bozo foi empreendido, nos anos 80 pela Rede Record, com um programa de entretenimento que realizava, junto com o auditório, desafios, passatempos e brincadeiras com sorteios, danças e encenações, conquistando discos de ouro, recordes de vendas de discos e um sólido mercado infantojuvenil. Vale registrar que o palhaço aqui e no mundo teve vários sucessores e conservou a mesma caracterização e figurino, tal qual o modelo americanizado, o que fez com que Bozo (Figura 10) atravessasse gerações e comercialmente se tornasse o layout do maior palhaço do mundo. Um dos personagens mais emblemáticos de seu programa original era Ronald McDonald (Figura 11), criado em 1963, que tinha como mote o palhaço feliz do hambúrguer e depois virou marca e logotipo de uma grande rede alimentícia americana, também planetarizada.



Figura 10: Bozo⁷.

⁶ Ver nota anterior.

⁷ Disponível no endereço <https://www.poder360.com.br/opiniao/governo/chamar-bolsonaro-de-bozo-e-o-mais-raso-senso-comum-diz-mario-rosa/>. Acesso em 30 de abr. de 2020.



Figura 11: Ronald McDonald⁸.

Desse modo, chamar o presidente Bolsonaro de Bozo produz uma atualização dos sentidos já situados em palavras anteriores à enunciação, no caso, de um personagem importado da cultura americana, palhaço não brasileiro sem nenhuma ligação com a tradição cultural do país, que atua como animador de um auditório eleitoral bastante interessado em shows e apresentações públicas. Isso nos faz considerar o modo como Bolsonaro traça a sua imagem e faz uso dela em redes sociais, colocando-se em posições no mínimo pouco usuais para um presidente, a exibição da facada e desdobramentos, as mensagens do hospital, fazer arminha ou gestos obscenos são exemplo disso.

Há algo da mostração aí que lida com o público de maneira espetacular como a produzir shows diários para alimentar algo de uma exibição de si mesmo e de sua personalidade. Tal nomeação inicialmente produz tais efeitos de denunciar o excesso de exibição pessoal em detrimento do apagamento de um projeto político sólido e circunstanciado de modo a desautorizá-lo como representante político, colocando-o em um lugar de deslegitimidade e incompetência para o cargo de representante do executivo. Em fevereiro de 2020, durante o carnaval, já com a pandemia a se anunciar, o primeiro ator brasileiro a vestir o personagem Bozo no país, Wanderley Tribeck, hoje pastor evangélico, gravou e disponibilizou um vídeo em uma plataforma digital nos seguintes termos:

(...) As pessoas vêm chamando o presidente da República de palhaço Bozo. Eu sou o primeiro palhaço Bozo do Brasil, fiz todo aquele sucesso nos anos 80, conquistei cinco troféus imprensa, conquistei três discos de ouro e três de platina. Fui embaixador da Boa Vontade da Unesco nos EUA. O meu nome foi parar na calçada da fama, em Los

⁸ Disponível no endereço <https://exame.abril.com.br/marketing/conheca-a-historia-por-tras-de-6-mascotes-de-marcas-famosos/>. Acesso em 30 de abr. de 2020.

Angeles, porque fui considerado o maior palhaço do mundo (...) Portanto, a esquerda está elogiando o nosso presidente quando chama ele de Bozo. Porque o Bozo conquistou uma legião de amigos. As crianças que hoje tem os seus 40, 45 anos amaram o Bozo e continuam amando⁹.

Logo em seguida dois filhos do presidente publicaram, nas suas respectivas redes sociais, a imagem abaixo.



Figura 12: Bozo¹⁰.

O mesmo significante – Bozo – foi tomado de um contexto do entretenimento americano, deslizado para o midático brasileiro, passou a circular na formação discursiva contrária a Bolsonaro com sinal de crítica e deboche. A esse processo histórico, foi acrescido um depoimento do artista que protagonizou o personagem Bozo e passou por outra atualização dos efeitos de memória, retomado novamente em outro lugar, qual seja, na formação discursiva que produz uma relação de equivalência entre Bozo, fama, conquista, arte e amor, funcionando disursivamente de modo favorável a Bolsonaro. O jogo da memória discursiva e(m) sua atualização, conforme nos ensinou Pêcheux (1997) sustenta todos esses processos de deslocamentos, retomadas e contradições dos sentidos em curso, fazendo uma báscula entre o que foi dito em outro contexto e o modo como os pentes do tear da história possibilitam a inscrição deles.

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4exXeohgDtE>. Acesso em 1 de maio de 2020.

¹⁰ Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/carlos-e-eduardo-divulgam-imagem-de-bolsonaro-como-bozo-entenda>. Acesso em 1 de maio de 2020.



Figura 13: Projeção "Bolsonaro cortou verbas da saúde".

Além disso, outros sentidos de denúncia aparecem nas fachadas dos edifícios urbanos, denunciando ações já empreendidas pelo governo Bolsonaro (e constantes em sua biografia como político), tais como os cortes de verbas na saúde (Figura 13), justamente quando se evidencia a necessidade de mais recursos a essa área que está lidando na “linha de frente” com a pandemia. Bolsonaro, ainda como deputado, havia votado a favor da Emenda 95, conhecida como a PEC da Morte (PEC 241/2016), a qual enfraqueceu e limitou os investimentos em políticas públicas/sociais, de saúde, fragilizando toda uma rede de proteção social aos cidadãos brasileiros. Essa PEC retirou do Sistema Único de Saúde (SUS), somente no ano de 2019, mais de 9 bilhões de reais. Por isso, também de, nos prédios, haver projeções que pedem a defesa do SUS, uma vez que a maioria da população brasileira é por ele atendida e, nele, as vidas valem como vidas e não como lucros e gastos (Figuras 11 e 12). “Viva o SUS!” é uma formulação que coloca em curso, no espaço público, uma saudação exclamativa, elogiosa, comemorativa e de parabéns ao SUS pela forma como constitui uma rede de proteção à saúde pública. Daí, “Defenda o SUS” é a ordem do momento, inclusive defendida pelo ministro que foi demitido por Bolsonaro.



Figura 14: Projeção "Viva o SUS!".



Figura 15: Projeção "Defenda o SUS".



Figura 16: Projeção "Agradecimento aos profissionais da saúde".

Na figura anterior, mostra-se como sem o Estado é difícil conter uma pandemia como a COVID-19. Também não se enfrenta a crise sanitária sem os sujeitos dos serviços essenciais que estão no espaço da cidade, dos supermercados, dos hospitais, da imprensa, trabalhando em meio à pandemia. Nas telas urbanas (Figura 16), um agradecimento especial a esses indivíduos que têm arriscado suas vidas em prol de uma sociedade em comum que valoriza a vida e não a morte.

Outras demandas sociais são materializadas pela cidade nessas projeções urbanas. Nos prédios, dizeres como “Homofobia não” (Figura 17), “Renda mínima para todos” (Figura 18) e “Basta de feminicídio” (Figura 19) são inscritos a mostrar como no Brasil alguns crimes são ainda praticados, precisando de intervenção e protesto para que não sejam elementos que sustentem as relações sociais pelo Brasil. Da opressão de classe à opressão de gênero, mostra-se como o Brasil é um país que violenta a comunidade LGBTQIA+, que assassina 1 mulher a cada 7 horas, em que não há distribuição de renda. Ao projetar esses dizeres pela urbe, projeta-se também a imagem de um país onde não há espaço para o outro, em que a matriz heterossexual, classista e machista predomina e legitima algumas existências, silenciando outras. O gerenciamento do Coronavírus no Brasil passa por essa relação em que algumas vidas são mais válidas que outras, como pode ser observado nos dizeres de certos governantes como o presidente Jair Bolsonaro. Observemos as projeções apresentadas a seguir:



Figura 17: Projeção "Homofobia não".

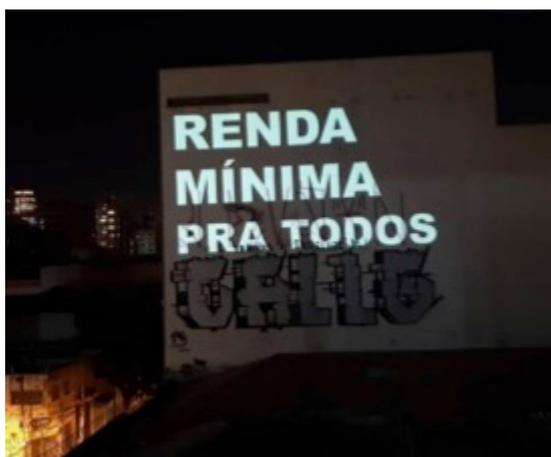


Figura 18: Projeção "Renda mínima".



Figura 19: Projeção "Basta de feminicídio".

Na cidade, há, ainda a projeção de um dizer que aponta para um crime que ainda não se soube dos culpados, conforme a Figura 20



Figura 20: Projeção "Quem mandou matar Marielle?".

No enunciado “Quem mandou matar Marielle?”, retoma-se o assassinato brutal da vereadora carioca Marielle Franco, em 2018, e como esse crime tem sido silenciado pela mídia, pelos governantes, pela polícia. Assassinada por lutar pelos direitos das minorias sociais, Marielle Franco segue presente nas manifestações urbanas em meio à pandemia. Por essa projeção, marca-se que tal crime não foi/será esquecido nem mesmo em meio à pandemia. Ainda há dizeres sobre ele que precisam ser postos em funcionamento para que a justiça seja feita em um país que mata governantes legitimamente eleitos por seus posicionamentos políticos. Essas projeções no espaço da cidade, juntamente com os painéis, sustentam um único pedido: a saída de Jair Bolsonaro do poder e seu silenciamento enquanto presidente que não sabe gerenciar uma crise como a pandemia de COVID-19:



Figura 21: Projeção "Cala boca Bolsonaro".



Figura 22: Projeção "Fora Bolsonaro".



Figura 23: Projeção "Bolsonaro acabou".

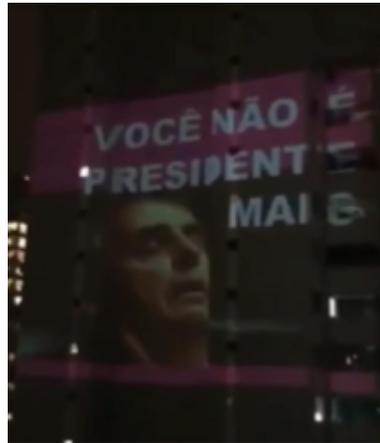


Figura 24: Projeção "Você não é presidente mais".



Figura 25: Projeção "Impeachment disso já".



Figura 26: Projeção "Renuncie".

Dentre as projeções acima, uma merece destaque: a fala de um haitiano a Bolsonaro durante uma coletiva de imprensa em que os enunciados “Bolsonaro acabou” e “Você não é presidente mais” (Figura 24) deixaram o presidente atônito e sem resposta. Nela há o funcionamento do pressuposto marca que um dia Bolsonaro foi visto como presidente do Brasil, mas pelo modo como tem governado não o é mais para alguns cidadãos brasileiros e estrangeiros. A imagem que acompanha tal enunciado é a famosa fotografia de Bolsonaro na posição de deputado federal dormindo, de boca aberta, durante uma sessão de trabalho na Câmara. A negativa “não” e a imagem instalam uma desautorização da figura presidencial, produzindo o efeito de ineficiência e inoperância dela.

As tatuagens urbanas explicitam a não capacidade do atual presidente em gerenciar a crise de saúde pela qual passa o mundo e o Brasil, país que teria também a crise política para resolver e talvez a solução fosse o “Impeachment disso já” (Figura 25) – há o apagamento, pelo uso do pronome demonstrativo “isso”, dos traços humanos de Bolsonaro, apontando para uma irracionalidade do governo que, para alguns, já teria “acabado” (Figura 26) e só lhe restaria renunciar a sua posição de presidente. Dessas formulações derivam o “Fora” ou o “Cala a boca” (Figura 21 e 22), ordens imperativas que marcam o modo como o sujeito grita na trama urbana sem mobilidade e com isolamento social, tomando a fachada dos prédios como página e tela para recusar os sentidos postos em funcionamento por Bolsonaro na posição de presidente durante a pandemia.

Um efeito de fim

Neste trabalho, buscamos analisar como no espaço da cidade significa em meio a uma pandemia. É certo que a doença colocou em posição de isolamento social e distanciamento os cidadãos, produzindo o efeito de uma crise sanitária no país e em escala planetária sem precedentes na história. Soma-se a isso o fato de que as mídias, em suas diferentes esferas, têm feito circular dados, imagens e gráficos de doentes, mortos e sepultamentos, o que produz o sentido da gravidade da doença e da falta de cura; diante disso, as cidades ficaram esvaziadas de seu alarido costumeiro, atônitas e com medo. Autoridades de diferentes estados nacionais tomaram medidas efetivas para conter a mobilidade urbana, investir na saúde e alertar sobre o perigo da doença; diante do inominável desse vírus, líderes religiosos de diferentes credos abriram mão de encontros presenciais e abençoaram a vida em casa. Também a Organização Mundial da Saúde passou a ter um protagonismo diferente de apenas divulgar relatórios protocolares e congregou cientistas de todo o mundo, instituições de pesquisa, universidades e agências de saúde para tecer uma grande rede de apoio e amparo ao conhecimento, divulgando sistematicamente estudos sobre populações vulneráveis, métodos de tratamento e descobertas sobre o corona.

Na contramão do mundo e de todas as inscrições histórico-discursivas de horror, perigo, morte, solidariedade, cuidado e ciência que a pandemia fez circular, o presidente atual do Brasil zombou da gravidade do Coronavírus em declarações estarrecedoras de descrédito da ciência. Isso produziu inúmeras reações, pois sabemos por Pêcheux (1997) que não há dominação sem resistência, nesse caso, uma dominação pela via da ignorância. Assim, o que não pôde ser dito com bandeiras e cartazes de protesto na rua ganhou corpo de palavra na fachada dos prédios urbanos, caderno e tela onde os sujeitos puderem dizer não aos sentidos bolsonaristas. A cidade foi vestida de outros modos de significar a recusa dos sentidos postos em funcionamento pelo representante do Executivo nacional e se foi se tornando um imenso corpo tatuado por dizeres e imagens. Ainda que impedidos de tomar as ruas para andar, trabalhar, encontrar-se coletivamente, conversar, mobilizar, protestar e organizar atos políticos, os sujeitos produziram dizeres e painéis de resistência e protesto a clamar pelo “Fora Bolsonaro”, pelo fim da política genocida legitimada pelo Estado hoje no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMAZIO, L. P. **O painelço como resistência ao político no Brasil**: discurso e memória. Dissertação (Mestrado). Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2016.

DIAS, C. **Sujeito, sociedade e tecnologia**: a discursividade da rede (de sentidos). São Paulo: Hucitec, 2012.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. Papel da memória In: ACHARD, P. [et al.]. (Org.) **Papel da memória**. Campinas, Pontes, 1999.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1997.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Campinas, Editora da Unicamp, 2016.

SOUSA, L. M. A.; GARCIA, D. A.; FARIA, D. **Paradigma indiciário, língua-concha, recorte e funcionamento**: a metodologia em AD. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 33, 2014.

Submetido em: 09/05/2020.

Aprovado em: 25/08/2020.

Como referenciar este artigo:

ABRAHÃO E SOUSA, Lucília; GARCIA, Dantielli Assumpção. Dizeres de uma quarentena: depressa as fachadas gritam. **revista Linguagem**, São Carlos, v.35, Número Temático COVID-19. setembro/2020, p. 1-30.